

Editorial

O décimo segundo número da revista Marx e o Marxismo – revista do NIEP é o primeiro a ser publicado após o presidente Jair Bolsonaro assumir a presidência. No editorial do número anterior já avistávamos alguns retrocessos, mas a experiência tem sido mais avassaladora do que poderíamos prever.

As Universidades Federais, além de sofrerem um contingenciamento que coloca em risco a continuidade do funcionamento a partir do segundo semestre, são altamente atacadas pelo “Future-se”. O assim intitulado plano do governo para as IFES escancara essas instituições para a privatização, e limita ainda mais a autonomia das mesmas. O ataque às universidades expressa também o desprezo que este governo possui em relação à importância da ciência. A presidência e seu clã, nestes primeiros meses de governo, questionam, negam e censuram dados de importantes órgãos e institutos de pesquisa.

Em meio à cortina de fumaça de entrevistas polêmicas e escândalos do *larranjal à vaza-jato*, este desgoverno visa a acabar com todos os direitos da classe trabalhadora e privatizar tudo que é possível, - a exemplo da contrarreforma da Previdência aprovada em primeiro turno na Câmara e da nova contrarreforma trabalhista (MP 881/2019). Além disso, pretende acabar com qualquer possibilidade de controle democrático, como no caso da ofensiva ao Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), cuja retirada dos assentos da sociedade civil e de especialistas representa um ataque à participação popular e à democracia.

As investidas constantes contra as lutas contra as opressões, a minimização da importância dessas lutas ou até mesmo a exaltação do machismo, da homofobia, do racismo, dentre outras opressões, tem significado o aumento da violência de todo tipo na vida cotidiana. Em meio aos inúmeros retrocessos em curso destacamos como resistência e tarefa intelectual militante a edição de mais um Colóquio Internacional *Marx e Marxismo 2019* (MM 2019).

A presente edição da nossa revista também apresenta textos de autores que participarão do MM 2019, que ocorrerá entre os dias 26 a 30 de agosto na Universidade Federal Fluminense (UFF). O evento deste ano contará com a presença de autores internacionais e nacionais, e terá como tema *Marxismo sem tabus – Enfrentando opressões*. Esse debate é relevante em um contexto de enormes retrocessos, principalmente no tocante à agenda conservadora que avança

na sociedade brasileira aliado aos dados aterrorizantes: o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo, segundo dados da ONG Transgender Europe publicados em 2016; ocorrem cerca de quatorze assassinatos de mulheres por dia, sendo que muitos desses casos são de feminicídio; e um jovem negro tem 2,7 mais probabilidade de morrer do que um jovem não negro, segundo dados do Atlas da violência de 2019 publicado pelo IPEA. Assim, a luta de classes contemporânea é atravessada pelas opressões de gênero e étnico-raciais.

Como no número passado, reforçamos a importância de publicar uma revista dedicada ao marxismo em um contexto com tantos ataques a essa corrente de pensamento, aos direitos e às liberdades do conjunto da classe trabalhadora.

Abrimos a revista com a tradução feita por Laura Viríssimo: *Explicando a violência de gênero no neoliberalismo*, que é o artigo de uma das conferencistas do MM 2019. Tithi Bhattacharya traz a fundamental análise sobre a relação entre a política econômica neoliberal e gênero, destacando a exacerbação das opressões às mulheres. Bhattacharya apresenta como a retórica neoliberal da responsabilidade individual desmantelou os serviços sociais públicos e redireciona toda a responsabilidade da reprodução social sobre as famílias individuais. Apresenta a teoria da reprodução social como conceito imprescindível para a análise da opressão das mulheres na sociabilidade burguesa. E destaca que esse debate deve ser realizado por todo/a revolucionário/a marxista.

Os critérios que as estruturavam e a interação entre classe, gênero e raça na redefinição do Estado de Bem-Estar, no Reino Unido desde o início do século XX, constituem os objetivos do texto de Thiago Romão de Alencar. Esse autor indicou que as políticas de Bem-Estar serviram para reforçar determinados papéis sociais de gênero naquela sociedade. Assim, no pós-guerra britânico dois mundos complementares surgiram, em que aos homens foi garantido o emprego estável e benefícios sociais relativos à previdência, por exemplo; enquanto para as mulheres era realçado o papel na reprodução social da força de trabalho.

João Bernardo em *Economia de troca de presentes*, por sua vez, analisa o modelo da troca de presentes, de Marcel Mauss. Ele apontou que Mauss lançava, através desse modelo, a fundação da definição de um vasto modo de produção prévio ao capitalismo. Bernardo, no entanto, amplia-o para outras épocas e tipos de organização econômica, e expõe como o sistema de trocas viabilizou o “desenvolvimento tanto da forma de exploração assente em relações de tipo servil como outras em que prevalecia a independência camponesa”. Ao possibilitar analisar situações muito distintas, o modelo da troca de presentes cumpre, segundo o autor, os requisitos necessários à teoria de um modo de produção.

O artigo intitulado *A teoria marxista das crises cíclicas de superprodução: uma modificação da interpretação Mendonça-Ribeiro* de Antonio Carneiro de Almeida Junior possui um importante debate acerca da teoria marxista das crises. O autor pretende realizar uma análise sobre as crises cíclicas do capitalismo se

contraponto à tese dos economistas portugueses António Mendonça e Nelson Rosas Ribeiro. Ao dialogar com o pensamento de Marx, Almeida Júnior assegura que existe uma contradição inerente do capitalismo que deve ser analisada: o impulso do desenvolvimento das forças produtivas e as relações de consumo e produção, ou criação de novos “valores de uso”. Tal premissa, defende Almeida Júnior, deve ser considerada para a avaliação das manifestações das crises cíclicas e, assim, a superprodução é uma consequência, e não causa, desse fenômeno.

O artigo de Leonardo Magalhães Leite cujo título é *Os limites do capitalismo no espaço e no tempo: um ensaio sobre o mercado mundial, revolução e sujeito revolucionário em O capital de Marx* realiza uma leitura atenta sobre indissociabilidade da crítica à economia política e a ação revolucionária em “O Capital”, especialmente o livro I. Leite reforça a tese da existência de dois movimentos do capital complementares: o do espaço – intitulado de mercado mundial – e o do tempo – o processo revolucionário. O autor revela que a discussão sobre o mercado mundial está presente desde o livro I, pois a premissa do capital como valor em constante expansão pressupõe a existência de “capitais em concorrência” que supera os limites de uma análise de um capital circunscrito aos limites de um Estado-nação. Por fim, Leite discorre sobre a classe trabalhadora como sujeito revolucionário, o verdadeiro “coveiro” que a sociedade burguesa criou para si.

O artigo de Eduardo Rebuá *Mirantes dialéticos: estado de exceção, fantasmagoria e cultura capitalista*, por meio do pensamento de Walter Benjamin, articula a análise e conceitos com outros autores marxistas com o objetivo de construir o conceito de democracia fantasmagórica e projetá-lo sobre a realidade brasileira. O contundente texto traz uma relevante e fundamental conexão teórica para a compreensão da atualidade no Brasil, em que nosso estado de exceção, na transição colonial, garantiu um processo pelo alto com a manutenção dos privilégios e do “*ethos* da casa grande”.

A constituinte na perspectiva estratégica de Florestan Fernandes é um artigo que apresenta a importância do intelectual militante, enquanto deputado constituinte, seu engajamento na luta de classes e sua defesa intransigente da ruptura com a ordem burguesa. Os autores retomam as análises de Florestan Fernandes sobre a formação social brasileira, marcada pelo padrão compósito de hegemonia burguesa, indicando as particularidades do desenvolvimento do capitalismo e da revolução burguesa no Brasil. O texto expõe os confrontos de Florestan Fernandes com o conservadorismo e também com as organizações de esquerda no Brasil acerca do papel estratégico da luta dentro da ordem e os limites de tal prática política. Ricardo Scopel Velho e Michel Goulart da Silva destacam os estudos de Florestan Fernandes sobre a importância de analisarmos a revolução democrática dentro da ordem como uma ação em direção a revolução contra a ordem, e não uma etapa dessa.

Em *As concepções de ruptura revolucionária em Immanuel Wallerstein e*

Ruy Mauro Marini em perspectiva comparada, Raphael Seabra traz um imprescindível e polêmico debate entre as “convergências” e as “divergências” entre a Teoria Marxista da Dependência e a Análise dos Sistemas-mundo. Neste artigo, o autor destaca as diferenças teórico-metodológicas dessas correntes para assim comparar as suas concepções de transformação revolucionária.

Formular uma proposta de interpretação marxista de *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* é o objetivo do artigo de Álvaro Martins Siqueira. O autor apresenta, primeiramente, algumas correntes interpretativas acerca da obra mais conhecida de Miguel de Cervantes. Posteriormente, indica um referencial teórico literário a partir de Antonio Cândido e György Lukács, e finaliza defendendo uma proposta a partir de Lukács e de Marx. Siqueira aponta que *D. Quixote* não é apenas uma leitura rica e apaixonante, mas “que essa obra também pode oferecer uma ilustração extremamente abrangente da importância prática de uma noção mundo, ou ontologia, realista”.

O artigo *Filosofia ética e forma ética em Kant: uma interpretação marxista* de Pablo Biondi realiza uma reflexão acerca da relação intrínseca entre a ética kantiana e a ética burguesa no início do desenvolvimento do capitalismo no século XVIII. Em diálogo constante com o pensamento sobre sujeito jurídico e sujeito ético no pensamento do jurista russo Evgeni Pachukanis, Biondi afirma que a construção de um indivíduo autônomo e racionalmente orientado é a personificação dos indivíduos no mercado capitalista. O autor perpassa em temas relevantes como a questão do direito como um eixo central do capital e das discussões sobre trabalho produtivo e trabalho doméstico.

Por último, trazemos a *Carta de Paula Nabuco a amigos do NIEP-Marx, em 12 de agosto de 2012*. Como indicou Eduardo Sá Barreto, na apresentação da mesma, alguns temas abordados na missiva enviada da China eram recorrentes na produção intelectual de Nabuco, tais como as greves naquele país e as Zonas Econômicas Especiais, por exemplo. A publicação da carta é também uma homenagem dos companheiros do NIEP-Marx a Nabuco, que participou do Núcleo entre 2007 e 2015, quando morreu precocemente.

Esta é uma edição que, infelizmente, está perpassada pela perda de membros queridos do NIEP-Marx. Enquanto fechávamos o presente número, tivemos a triste notícia do falecimento da Prof.^a Lérica Povoleri. Por toda a sua trajetória e todo o histórico de luta, – exemplo de resistência, inteligência e ética – Lérica sempre foi uma grande inspiração política da UFF.

Nossa querida Lérica sempre esteve presente na defesa da Universidade Pública, e, por isso, dedicamos este número em memória da sua permanente luta por uma educação emancipatória.